

## QUESTÕES PARA UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DO GRUPO TEXTO LIVRE\*

CASTRO, Carlos Henrique Silva de.

Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG

CAPES e Fulbright

**RESUMO:** O presente texto objetiva construir questões de pesquisa ligadas à produção de conhecimento coletivo. Para tanto, conto com um embasamento epistemológico de duas naturezas: (1) na tradição etnográfica (2) e no entendimento construcionista de conhecimento como uma construção possibilitada pela interação e disponível para os membros que dela participam. Entendendo conhecimento dessa forma, as comunidades de interação para a realização das práticas são vistas como sistemas únicos de signos, com conhecimento a ser descoberto, como objetiva a etnografia. Uma vez apresentadas as bases de um possível estudo, faço uma apresentação do grupo e suas comunidades com bases nos parâmetros de uma pesquisa etnográfica. À guisa de conclusão, problematizo as práticas do grupo e apresento possíveis questões de pesquisa. Finalizo o trabalho com considerações a respeito da relevância social de pesquisas dessa ordem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Culturas. Grupo Texto Livre. Etnografia.

### INTRODUÇÃO

Investigar um grupo social é, antes de tudo, interessar-me por suas práticas, suas relações, sua interação. É no estudo de novas práticas que estão as respostas dos nossos questionamentos, em todas as áreas do conhecimento. As tecnologias são novas, mas sempre existiram novas tecnologias, como a roda um dia o foi, e elas continuam a serviço do homem. Assim como a roda que por nós foi apropriada e hoje passa despercebida, haveremos de nos apropriar das tecnologias do nosso tempo. Como contribuição para o estudo das interações proporcionadas pelo uso das ferramentas tecnológicas do nosso tempo, trago aqui um pouco das práticas do grupo Texto Livre<sup>1</sup>. Um estudo de práticas é, antes de tudo, tal como afirma Agar (2006b), a leitura da cultura do outro e, como o outro é diverso, produz leituras diversas. Assim, tratamos aqui de 'culturas', algo plural. No uso de tal entendimento, de viés etnográfico e linguístico, interessa-me aqui apresentar e levantar questões acerca das culturas deste grupo de pesquisa<sup>2</sup> e suporte à documentação de software livre<sup>3</sup> que conta com pesquisadores da educação, linguística, novas tecnologias e afins, bem como estudantes dessas áreas.

A relevância de estudos dessa ordem se dá na medida em que há demanda por

---

\*XI EVIDOSOL e VIII CILTEC-Online - junho/2014 - <http://evidosol.textolivre.org/>

<sup>1</sup><http://www.textolivre.org/>

<sup>2</sup><http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0333801U4BKW6D>

<sup>3</sup>De acordo com a Associação do Software Livre, em tradução livre, "Software Livre é o software que dá ao usuário a liberdade de compartilhá-lo, estudá-lo e modificá-lo." Disponível em: <http://www.fsf.org/about/what-is-free-software>. Acessado em 06/02/2014.

soluções em estudos sociais, como os estudos de processos educacionais. No caso específico de um estudo de um grupo como o Texto Livre, os resultados podem impactar a comunidade acadêmica envolvida na área de atuação de pesquisas preocupadas com a construção da linguagem no uso de novas tecnologias na interação social. Um estudo de culturas, a partir dos pressupostos teóricos de Agar (2006a; 2006b) e Green *et al.* (2012), baseados na epistemologia etnográfica, pode tornar visíveis práticas tão novas e desconhecidas, que contribuam com o cenário em que se encontra, bem como dialogar com outras experiências no uso das tecnologias da mesma época.

Para que possamos entender as potencialidades dos empreendimentos do grupo, proponho, então, uma apresentação com bases nos parâmetros de uma pesquisa etnográfica. A partir da apresentação, passarei a problematizar suas práticas, de acordo com os caminhos descobertos, para, enfim, pensar em caminhos e possibilidades de se aprender com seus membros, algo tão caro à ciência.

## 1 PARÂMETROS PARA UM TRABALHO ETNOGRÁFICO

Delimitações em estudos científicos são sempre necessárias, contudo, cabe ao estudioso apresentar claramente suas escolhas, a partir de uma lógica que possa ser lida e entendida. Como posto por Rex *et al.* (1998, p. 412), pesquisadoras da área da etnografia social e interacionista, “[s]em definição de termos, os leitores de estudos assumem significados vindos de seus próprios pontos de referência conceitual ou que supõem serem do escritor”. Assim, cabe alertar ao leitor que cada escolha em um trabalho etnográfico, como aqui se intenciona, é vista como parte de uma cadeia discursiva que conta com raízes profundas e rotas que guiam a construção de uma lógica própria de investigação. Tais escolhas encontram as raízes do pesquisador, como discorre Agar, sobre o primeiro parâmetro da etnografia, em tradução livre<sup>4</sup>, a seguir:

*Priors*: “Prior” é um jargão tradicional da pesquisa social para as primeiras categorias e proposições que você leva consigo para um estudo, categorias e proposições de alguma teoria sobre a qual você deve dizer algo ao final. Por “prior”, no entanto, eu também quero dizer tudo aquilo que você traz consigo, incluindo você mesmo — biografia, identidades, a história pessoal que molda o que você vê (2006a, p.8).

O parâmetro refere-se às bases nas quais o estudioso e as práticas em estudo estão envolvidas e que, como antecedentes, o guiarão. Além disso, ao avançarmos nossa incursão pelo mundo etnográfico, veremos que o que é apresentado é uma leitura construída como parte de um diálogo com o todo, de uma cadeia interativa, nos dizeres de Bakhtin (1986). Como parte de um diálogo, importa tudo aquilo que tem algum impacto na formação dos significados dessa cadeia, tudo que vem com o texto, que, no caso desta pesquisa, refere-se aos entornos do grupo Texto Livre e do pesquisador ao qual denominamos contexto (REX *et al.*, 1998).

O segundo parâmetro para um trabalho etnográfico, mencionado por Agar, refere-se aos “deliverables” que eu traduzo aqui como “entregas”, ou os resultados concretos do projeto. De acordo com o autor:

<sup>4</sup> Todas as traduções aqui apresentadas foram feitas livremente.

“Deliverables” é também um jargão, burocrático e geralmente associado com o mundo aplicado, mas se aplica a todos incluindo os acadêmicos. O que você tem prometido ou o que você deve entregar em troca do suporte dado ao trabalho? (2006a, p.8)

Em um campo de estudo no qual as práticas em educação a distância são novas e clamam por mais conhecimento, estudos deste caráter tornam-se extremamente relevantes. Tais trabalhos têm, intrinsecamente, um caráter social uma vez que, primeiramente, dedicam-se à pesquisa das relações sociais, por meio da interação, em um ambiente acadêmico envolvido na promoção do conhecimento em diversos níveis, de acordo com as práticas das comunidades envolvidas. Em um segundo plano, o caráter social da pesquisa está ligado ao último parâmetro do fazer etnográfico apontado por Agar. Este se refere aos “interesses envolvidos”:

Aqui eu faço eco trabalho de Jürgen HABERMAS em “Conhecimento e Interesses Humanos” (1971). Que interesses este estudo atende? Quem está pagando por ele e por quê? Quem está desenvolvendo o trabalho e por quê? Quem está participando da pesquisa e por quê? Que interesses estão sendo atendidos em todos os níveis? (2006a, p.8)

Este parâmetro confirma a importância dos resultados, a partir de pesquisas que trazem a análise das novas práticas de aprendizagem na formação da população, sobretudo no ensino público. Considerando o potencial do estudo das práticas sociais em ambientes on-line para sua aplicabilidade na educação, como sugere um estudo linguístico aplicado, o estudo do grupo Texto Livre aparece com grande potencial, por sua abrangência, empreendimentos realizados, em andamento e planejados, e então, responsável por importantes práticas. O grupo está sediado no laboratório SEMIOTEC<sup>5</sup> da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE/UFMG)<sup>6</sup>, onde trabalha com cursos de graduação e pós-graduação, presenciais e a distância, desenvolvimento de materiais didáticos, documentação sobre e para software livre, promoção de congressos e seminários on-line, manutenção de um periódico científico, desenvolvimento de software e tutoriais inteligentes que possuem o objetivo de auxiliar o professor, entre outros.

A FALE, por sua vez, é uma faculdade que recebe, por ano, 420 novos alunos em dezessete diferentes modalidades de cursos, incluindo ensino e licenciaturas em oito idiomas. O número de vagas aumentou de 300 para o atual número em 2007, quando a universidade se tornou parte do REUNI – Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – programa que tem o objetivo de melhorar as oportunidades nas universidades brasileiras<sup>7</sup>. Estas questões políticas, que são contextuais à universidade e, conseqüentemente, ao grupo em estudo, devem impactar o grupo (REX *et al.*, 1998; AGAR, 2006a).

Uma vez introduzido o objeto de estudo e os primeiros parâmetros norteadores de uma pesquisa que se pretende ser etnográfica, a apresentação dos primeiros dados de uma investigação, que trarão mais elementos de contextualização, pode nos colocar face a questões teóricas auxiliares. Dessa forma, a próxima seção empenha-se em apresentar possíveis suportes teóricos a uma etnografia no ambiente educacional do Texto Livre.

<sup>5</sup> <http://semiotec.textolivres.org/>

<sup>6</sup> <http://www.letras.ufmg.br/>

<sup>7</sup> [http://reuni.mec.gov.br/index.php?Itemid=28&id=25&option=com\\_content&view=article](http://reuni.mec.gov.br/index.php?Itemid=28&id=25&option=com_content&view=article)

## 2 O GRUPO TEXTO LIVRE E SUAS CULTURAS LIVRES

Um estudo etnográfico busca por âncoras que guiem o pesquisador no percurso interativo do grupo em estudo. Agar (2006b) nomeia os pontos que servirão de âncoras para o trabalho de pontos relevantes. Estes, por sua vez, tratam-se de pontos obscuros no momento da leitura, justamente pelo desconhecimento da prática do outro. O estudo de tais pontos busca apresentar este conhecimento encoberto.

Os registros que possuo disponíveis para uma pesquisa no, ou com o, grupo referem-se, em sua maioria, a diversos textos públicos e on-line, como os sites dos projetos do grupo que podem ser acessados a partir do portal do grupo (<http://www.textolivre.org/>), já citado na nota 1. Além disso, possuo registro de três anos de interação entre seus membros, de fevereiro de 2011 a janeiro de 2014. Neste período, o grupo dividiu-se em, pelo menos, quatro subgrupos envolvidos nos trabalhos, que, por ora, considero como comunidades, uma vez que estão engajados em processos de práticas interativas com os mesmos objetivos (CASTRO, 2011), a saber: (1) A disciplina “Oficina de leitura e produção de textos”, de código UNI003; (2) O congresso on-line internacional EVIDOSOL/CILTEC; (3) a revista científica “Texto Livre: Linguagem e Tecnologia”; (4) Seminários Teóricos Interdisciplinares do Semiotec (STIS)<sup>8</sup>. Cada um desses subgrupos conta com equipes de trabalho, que eventualmente se comunicam entre si, e, assim, constroem uma rede interativa, com seus significados específicos, como mostra a figura 1, a seguir:

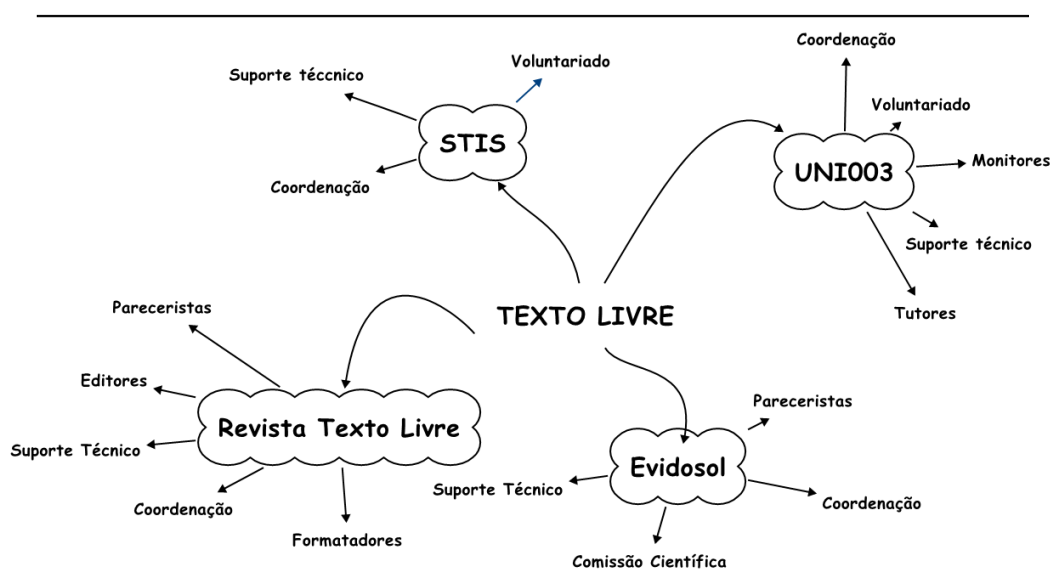


Figura 1: Grupo Texto Livre e algumas de suas comunidades

UNI003 refere-se à citada oficina de leitura e produção de textos para graduação que, no primeiro semestre de 2013, ofereceu 750 vagas para graduandos de diversas áreas da universidade. Os trabalhos no curso contam com um professor doutor como coordenador, cinco tutores mestrandos ou doutorandos e oito monitores graduandos. Há, ainda, outros papéis importantes nessa cadeia de práticas que suportam o curso como o suporte técnico e o trabalho voluntário que aparece em todas as comunidades listadas na figura 1.

Outro ponto contextual importante a ser citado, como parte das culturas do grupo, que certamente impactará no agenciamento dos colaboradores, refere-se ao suporte financeiro.

<sup>8</sup> <http://www.lingtec.org/stis>

Com exceção da UNI003, os outros três projetos apresentados na imagem não contam com orçamento direcionado para o contrato de recursos humanos. O fomento recebido, de acordo com os das agências de fomento à pesquisa, normalmente é aplicado exclusivamente em outro tipo de necessidade, como suprimentos materiais diversos. Nota-se, assim, que o serviço voluntário é parte importante nas culturas do grupo uma vez que, para que todos os projetos ocorram, conta-se com o voluntariado de pesquisadores, professores, estudantes, profissionais de tecnologia de informação, dentre outros.

Um segundo componente destas culturas, que parece contribuir com o citado suporte de trabalho voluntário, encontra-se inscrito no nome do grupo, no seu objetivo declarado, bem como nas suas diversas ações. Refiro-me ao adjetivo 'livre' que caracteriza um tipo de software, como esclarecido na nota 3, e uma filosofia que também aparece no objetivo principal do grupo. A saber: “promover um campo de pesquisa e produção interdisciplinar no uso das tecnologias livres para o ensino” (TEXTO LIVRE, 2011). Nota-se, então, que a preocupação política com o uso das tecnologias livres para o ensino deve guiar as ações do grupo. De acordo com seus fundadores e entusiastas, o movimento do Software Livre possui, intrinsecamente, um viés social na medida que garante liberdades que resultam em aprendizagem e melhoria coletiva. Tal movimento surgiu em 1985 e é suportado por uma comunidade internacional de programadores e usuários dedicados à causa<sup>9</sup> baseados nos princípios da ‘cultura livre’. Estes princípios, em conjunto com a importância da cultura livre no projeto educacional, são apresentados pela coordenadora do grupo Texto Livre da seguinte forma:

- Compartilhamento de conhecimento: as ferramentas e técnicas escolhidas devem permitir ao aluno uma participação ativa e consciente de seu papel;
- Colaboratividade: a colaboratividade é a única forma de trabalho em equipe que permite a todos os membros do grupo um crescimento individual.
- Meritocracia: o sistema meritocrático requer respeito pelo indivíduo no trabalho em grupo, sendo altamente eficaz na produção de pessoas proativas, engajadas e conscientes. (MATTE, 2012, p. 11)

De acordo com a explanação, a ‘cultura livre’ parece como motivadora dos projetos do grupo e pano de fundo para um trabalho educacional, de cunho social, como posto anteriormente, não só pelo fato de ser um projeto educacional, mas adicionalmente levar em consideração a tríade compartilhamento de conhecimento, colaboratividade e meritocracia. A oportunidade de trazer a academia para este empreendimento, de unir a prática em tecnologia da informação com o da educação, é comentado por Matte (2012, p.1):

O software livre traz para a pesquisa uma oportunidade ímpar, pois sua qualidade e usabilidade são diretamente afetadas por seus usuários que, em contato muitas vezes direto com os desenvolvedores, podem colaborar tanto pelo uso e crítica ao sistema (que pode acontecer no próprio momento do suporte ao usuário), como pela possibilidade de atuarem diretamente no desenvolvimento do aplicativo livre.

A fim de estabelecer tal diálogo, a coordenação do grupo tem direcionado, desde a criação do grupo, todas as suas atividades para a promoção do uso de tecnologias livres no ensino. Dessa forma, vemos no estudo destas atividades, uma rica fonte para respostas de como se trabalhar com educação com base na cultura livre, amparados nos princípios da colaboratividade, compartilhamento de conhecimento e meritocracia.

<sup>9</sup> <http://www.fsf.org/about/>

## POR BASES EPISTEMOLÓGICAS E PESQUISAS LIVRES

À guisa de conclusões, passo agora a elencar questões para pesquisas no ambiente interativo do grupo Texto Livre. Para tanto, limito-me a fazer questionamentos que envolvem o entendimento de conhecimento como algo construído coletivamente, a partir de interação, e disponível a todos e como reflexo das condições na qual essa se dá. Trata-se de uma base epistemológica construcionista que considera os elementos contextuais, a quem o grupo atende e em que circunstâncias, de extrema relevância (GERGEN, 1985; JONASSEN, 1996; MCNAMEE, 2004). Tal entendimento vai ao encontro da epistemologia etnográfica que, como posto nas seções anteriores, é um importante aliado na escrita de culturas a partir do entendimento do conhecimento êmico dos membros do grupo, em diálogo com seu meio (GREEN *et al.*, 2012; AGAR, 2006a; 2006b).

Com interesse no diálogo entre o sujeito e seu coletivo, teoricamente, comecei este trabalho considerando o grupo Texto Livre uma grande comunidade. Esclareço que isso não se trata de uma simples categorização. O uso do termo clama pelo entendimento do sistema representativo das culturas de um grupo de relevância para a educação superior no contexto em que ele se insere. Como argumenta Winkelmann,

Não é apenas uma questão de reservar o termo comunidade para um grupo específico e local (cf. Harris, 1989); mais, é uma questão de chegar a um acordo com a natureza da comunicação: “intencionalidade”, se você quiser, mas principalmente como ela funciona em um sistema de signos. (1991, p. 5)

E esse entendimento de significados, como ainda argumenta Winkelmann, levamos a possíveis questões para pesquisa, tais como: (1) Seria o Texto Livre um grupo com produção intensa de significados, como uma comunidade? (2) Qual a participação dos membros nesse processo? (3) Todas as práticas que envolvem o grupo são resultado da interação proporcionada pelo grupo? (4) Quais são os padrões culturais de um grupo voltado para práticas educacionais? (5) Qual o motivador para o trabalho voluntário no grupo?

A partir da observação de outro objetivo da etnografia, verificar o que as culturas de um grupo proporcionam a seus membros, novas questões vêm à tona: (1) Quais os retornos identificáveis obtidos pelos indivíduos participantes do grupo? (2) Eles desenvolvem habilidades específicas para contribuir com as atividades do grupo? (3) Os retornos obtidos diferem de membro para membro? (4) Como os membros veem seu papel nas práticas do grupo? (5) O que os membros levam das práticas do grupo para suas outras práticas do dia a dia?

Trabalhos etnográficos podem responder a questões de relevância social, com as citadas, e fazerem emergir muitas mais. Um trabalho etnográfico trata-se de um processo de descoberta que deve estar aberto a tudo que a pesquisa lhe oferece, incluindo as surpresas, como afirma Green *et al.* (2012) para delas tirar o melhor proveito.

Minha tentativa aqui foi provocar uma reflexão que possa produzir importantes trabalhos acerca do que temos disponível hoje em dia, em termos de práticas educacionais com uso de tecnologias digitais, de voluntariado, de potencial para a interação e construção de conhecimento. O grupo Texto Livre, como todo empreendimento livre, pelo seu caráter social e potencial de geração de conhecimento, de acordo com os citados princípios da Cultura Livre, deve contar com a colaboração de todos nós não só pelo querer contribuir com a causa, o que já é de grande responsabilidade social, mas também por entender que essa relação é de troca e de resultados para ambos os lados, como todo diálogo.

## REFERÊNCIAS

AGAR, Michael. *An Ethnography By Any Other Name*. Forum: Qualitative Social Research, v. 7, n. 4, art. 36, set./2006a. Disponível em: <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/177>. Acesso em 24/03/2014.

\_\_\_\_\_. *Culture: Can you take it anywhere?* International Journal of Qualitative Methods, v. 5, n. 2, jun./2006b. Disponível em: [http://www.ualberta.ca/~iiqm/backissues/5\\_2/pdf/agar.pdf](http://www.ualberta.ca/~iiqm/backissues/5_2/pdf/agar.pdf). Acessado em 24/03/2014.

BAKHTIN, Mikhail. The Problem of Speech Genres. In: BAKHTIN, Mikhail. *Speech Genres and Other Late Essays*. Tradução Vern W. McGee. Edição Caryl Emerson e Michael Holquist. Austin: University of Texas Press, 1986, p. 60-102.

CASTRO, C. H. S. *Comunidade virtual de aprendizagem situacional e estendida: conceitos que emergem a partir da análise da efemeridade das relações*. Hipertextus revista digital, n. 7, dez. 2011. Disponível em: <http://www.hipertextus.net/volume7/07-Hipertextus-Vol7-Carlos-Henrique-Silva-de-Castro.pdf>. Acessado em 24/03/2014.

GERGEN, Keneth J. *The social constructionist movement in modern psychology*. American Psychologist, n. 40, mar./1985, p. 266-275.

GREEN, Judith L; SKUKAUSKAITE, Audra; BAKER, W. Douglas. Ethnography As Epistemology. In: ARTHUR, James; WARING, Michael; COE, Robert; HEDGES, Larry V. (Org.). *Research Methods and Methodologies in Education*. Londres: SAGE Publications Ltd., 2012, p. 309-321.

HABERMAS, Jürgen. *Knowledge and Human Interests*. Polity Press, 1987.

HARRIS, J. The idea of community in the study of writing. *College Composition and Communication*, 40, 1989, p. 11-22.

JONASSEN, David H.; MYERS, Jamie M.; MCKILLOP, Ann Margaret. From Constructivism to Constructionism: learning with Hypermedia/Multimedia Rather than from it. In: WILSON, Brent Gayle (Org.). *Constructivist Learning Environments: Case Studies in Instructional Design*. Library of Congress Catalog, 1996.

MATTE, Ana Cristina Fricke. O Professor Livre Na Rede: Projeto Aco. In: IX ENCONTRO VIRTUAL DE DOCUMENTAÇÃO EM SOFTWARE LIVRE E VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUAGEM E TECNOLOGIA ONLINE. Anais... v. 1, n. 1, 2012. Disponível em: [http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais\\_linguagem\\_tecnologia/article/view/1936](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_linguagem_tecnologia/article/view/1936). Acessado em: 24/02/2014.

MCNAMEE, Sheila. Relational Bridges Between Constructionism and Constructivism. In: RASKIN, J.D.; Bridges, S. K. (Orgs.). *Studies in Meaning 2: Bridging the personal and the social in constructivist psychology*. New York: Pace University Press, 2004, p. 37-50.

REX, Lesley; GREEN, Judith; DIXON, Carol. *What counts when context counts?* The uncommon 'common' language of literacy research. *Journal of Literacy Research*, v. 30, n. 3, 1998, p. 405-433.

TEXTO LIVRE. *Apresentação*. 2011. Disponível em: [http://www.textolivres.org/site/index.php?option=com\\_content&view=article&id=46&Itemid=53](http://www.textolivres.org/site/index.php?option=com_content&view=article&id=46&Itemid=53). Acessado em 18/03/2014.

WINKELMANN, Carol. *Social Acts and Social Systems: Community as Metaphor*. *Linguistics and Education*, n. 3, 1991, p. 1 - 29.